

# QUANDO A FICÇÃO ATRAVESSA VIDAS PESQUEIRAS.<sup>1</sup>

Verônica Gomes de Aquino.  
E.M.Ver. João da Silva Bezerra/  
Mestre-Educação-UFF

## 1. Introdução

Alguns lugares despertam em nós o desejo de saber os segredos escondidos em cada canto. Quando mudamos de local de trabalho e/ou de moradia, por exemplo, como saber/conhecer os novos contextos com os quais precisamos lidar? A geografia do bairro – desde onde fica a padaria até onde não se pode ir à noite; as memórias de lutas passadas e presentes da população que nos mostra que para além da ideia de local, precisamos conhecer os silêncios dos olhares e gestos. Consideramos que observar os sinais, são significantes exemplos da interseção entre o tempo e o espaço com as quais passamos conviver e precisamos aprender a conhecer.

Como podemos ter acesso às chaves que podem “abrir” as novas vivências? Por quais caminhos e vilas permitimos nossos sentidos viajar? E, por outro lado, pelos quais nos permitem andar, nas redes educativas que vamos formando?

Importa conhecer os novos contextos, onde estamos inseridos e quais caminhos nas vilas e bairros, que permitem aos nossos sentidos a *viagem* em busca do conhecimento das redes sociais que nos formam e nos permitem a descoberta da essência da vida nos cotidianos que passamos a pertencer.

## 2- A viagem aos bairros da Barra de Maricá/Divineia<sup>2</sup> e Barra de Zacarias.

Quando optamos por conhecer/pesquisar esses novos lugares – que aos poucos, vão se tornando conhecidos - as questões são elaboradas a partir das práticas cotidianas vivenciadas ou simplesmente observadas que se misturam às narrativas dos sujeitos envolvidos nas tramas – que são os praticantes (Certeau,1994) dos cotidianos.

De certo modo, para desenvolver a pesquisa etnográfica, as ações desses homens, mulheres e crianças me permitiram/exigiram revisitar, a dissertação de mestrado, defendida em 2004 e a que demos o título: *Práticas potencializadoras na escola pública: aguçando os sentidos e refletindo mais uma vez as práticas cotidianas escolares.* (Aquino,2004).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup> Pseudônimo, referente ao bairro Barra de Maricá, após gravação da novela produzida pela TV Globo, “Fogo sobre terra” no ano de 1974.

Assim, atuando na Escola Municipal Vereador João da Silva Bezerra, na função de orientação pedagógica, posso rever os conhecimentos e práticas acumulados durante meu percurso e usa-los na pesquisa. A Escola, como cenário da pesquisa, junto aos bairros da Barra de Maricá e Zacarias, pertencem ao município de Maricá, cidade do Rio de Janeiro.

A cidade hoje, segundo o senso, tem em torno de cento e vinte mil moradores e vem apresentando grande crescimento populacional. A expansão imobiliária apresenta transtornos ao município, que ainda sofre pela falta de políticas públicas que suporte as mudanças ocorridas. Percebemos dificuldades nas diversas áreas, como por exemplo, na educação, saúde, saneamento, meio ambiente, entre outras.

Os noticiários registram a mortandade de peixes no sistema lagunar lagoa, construções irregulares em áreas de conservação ambiental e de risco, enfim, problemas que existentes em outros municípios do Estado do Rio de Janeiro. Os transtornos humanos e ambientais foram documentados no livro dos autores, Mello e Vogel: “Gente das areias: história, meio ambiente e sociedade no litoral brasileiro - Maricá, RJ - 1975 a 1995”. No texto os autores apresentam a grande mortandade de peixes no ano de 1975:

O ano de 1975 foi trágico para Maricá. Aos 28 de agosto, fria manhã de inverno, a lagoa despertou coberta de peixes mortos. Quando o sol terminou de dissipar a névoa e os seus raios multiplicaram as reverberações prateadas em toda a superfície, como se esta não fosse mais do que um imenso espelho estilhaçado, os pescadores tiveram a certeza de que o espectro da fome tinha começado a rondar. (Mello & Vogel, 2014.23)

Em Maricá, os problemas em relação à exploração imobiliária se agravaram após a inauguração no ano de 1973 da Ponte Presidente Costa e Silva (Ponte Rio-Niterói), que viabilizou a chegada de muitos turistas, e com eles, as propostas de loteamento das fazendas e pequenos lugarejos, como aconteceu em Barra de Zacarias e Barra de Maricá/Divineia onde, fica localizada a Escola.

Pesquisas desenvolvidas neste período demonstram a ambição existente em relação às casas dos pescadores que habitavam as áreas pela proximidade de praias e lagoa. Furtado (1983) nos conta estudando as pesquisas sobre Maricá que,

A loteamento das grandes fazendas e as propriedades dos antigos pescadores foram visadas pelas imobiliárias. Grandes condomínios surgiram nas últimas quatro décadas do século XX. Em torno da Escola estão: Condomínio Barra Europa, Praia das Lagoas, Barra de Zacarias e a Barra de Maricá. (Furtado, 1983. 9).

Cito as semelhanças entre Maricá a outros municípios do Estado do Rio de Janeiro, por apresentarem, paisagens ambientais cobiçadas para a exploração de diversos recursos naturais. No caso de Maricá, nos restringimos a Restinga de Zacarias e Lagoas que envolvem a Barra de Maricá. Áreas supervalorizadas com seus antigos moradores (quase todos pescadores, fazedores de redes e canoas, cesteiros e profissionais afins) sendo

deslocados pra áreas cada vez mais afastadas. Em Angra dos Reis, por exemplo, segundo alves,

A expansão dos empreendimentos imobiliários, com a construção de muitos condomínios fechados e do aumento das atividades relacionadas à indústria turística (...) empurrou a população mais pobre para as terras inclinadas dos inúmeros morros da cidade, desmatando e desestabilizando o solo nas encostas. (Alves, 2008 p.65)

As consequências destes processos de desapropriação de terras estão presentes no artigo no decorrer da escrita, as falas e ações desenvolvidas pelos pescadores (moradores) envolvidos nas conversas dentro e fora da Escola. A desapropriação quase sempre é acompanhada por ações violentas por parte de loteadores ao retirarem os moradores de suas moradias. Arno e Vogel (2004) descrevem as cenas de demolição das casas no bairro da Barra de Maricá/Divineia e Zacarias:

A pressão para que deixassem o lugar foi aumentando, até que, finalmente, em 1975, sob as ordens de oficiais de justiça e com apoio policial, peões da Campanha derrubaram a primeira casa. [...] A casa veio abaixo, sob os olhares incrédulos e revoltados de todos. Como era possível que alguém, dono de tanta terra, quisesse justo aquele pedacinho em que vivem? Não podia fazer seu empreendimento em outro lugar, onde não morasse ninguém? O que era feito da promessa, da palavra? Como poderia tudo, isso valer o mesmo que nada? Não tinha vivido ali os pais, os avós, e os pais e avós destes? E, por acaso, não estavam enterrados ali os seus próprios umbigos, os de seus filhos e dos seus netos? Mas não! [...] Briga feia, não só com a Companhia, mas com todos os outros. A situação estava cada vez pior. Agora queriam obrigá-los a morar 'naquelas casas lá de cima, que não tem nem porto! (2004, p. 165)

A descrição acontece no ano de 1975 e atualmente. Pescadores vivem após muitas lutas nas '*casas lá de cima*', distantes do mar, ou seja, do 'porto'. Nas histórias que estamos registrando, o movimento de desapropriação ainda tem um sentido de desvalorização das subjetividades quando entendemos que pescadores e suas famílias são fazedores de conhecimentos recheados de saberes e culturas, de suas artes de fazer e viver suas vidas e sua vila que hoje tem o nome de bairro.

Após muitas conversas, a afirmativa de que, nas narrativas das vivências dos moradores aparecem diferentes e complexos modos de pensar e a agir com os cotidianos que modificaram suas práticas com o passar dos anos. As experiências vividas em 1975 foram marcantes proporcionando mudanças, recriando vidas e reinvenções cotidianas entre sujeitos da Barra de Maricá/Divineia e Zacarias. As experiências de que falo são descritas por Bondía (2002) como:

que nos passa, nos acontece, nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada aconteça. (2002, p.21)

Escrever sobre as vidas e as vilas dos praticantes da Escola e fora dela, proporciona o entendimento das narrativas dos pescadores que por anos lutam por seus espaços de convivência. Narrativas que também trazem esperança de um futuro de pesca e continuidade das práticas e culturas dos moradores dos bairros.

## **2- 1974 o ano em que a ficção atravessou vidas pesqueiras:**

Iniciando as conversas, junto aos sujeitos da E. M. Ver. João da Silva Bezerra, no ano de 2007, desejando conhecer o lugar onde, iniciava minhas atividades profissionais, necessitei de um período de dois meses aproximadamente para adquirir um pouco mais da confiança dos moradores e assim, saber de alguns tesouros do lugar. Fui seduzida pelas histórias, como no texto das “Mil e uma noites”.

O primeiro conto que uniu várias pessoas em uma roda na Escola, foi a gravação da novela, “Fogo sobre terra”, no ano de 1974, pela TV Globo. Neste momento as redes da ficção se trançam nas redes pesqueiras das narrativas dos bairros.

A trama da novela Fogo sobre terra de Janete Clair, dirigida por Walter Avancini acontece no final dos anos 1950, em Mato Grosso, onde dois irmãos Pedro (Juca de Oliveira) e Diogo (Jardel Filho) foram separados na infância e se reencontram na condição de rivais ao decidirem o destino de uma cidade (Divineia<sup>3</sup>) e disputarem o amor de uma mulher. A trama conta ainda a luta de alguns moradores da cidade Divineia contra a construção de uma represa. A personagem Chica (Dina Sfat) representa um elemento de resistência à construção da represa e no último capítulo da novela, quando Divineia é inundada, Chica morre afogada em sua casa. O par romântico na figura de Bárbara (Regina Duarte) que vive seu amor com Pedro Azulão após vencer a cegueira.

As gravações aconteceram no município de Maricá, no Bairro Barra de Maricá e Zacarias, na fictícia cidade cenográfica Divineia, construída na colônia de pescadores da Barra de Maricá.

---

<sup>3</sup> Nome da cidade fictícia incorporado até a atualidade por alguns moradores e políticos.



Imagem 1- Gravação na Barra de Maricá. Praia da Barra ao fundo. Fonte: Google.

Investigar conhecimentos que foram elaborados a partir da novela, nos permite buscar nas falas, imagens e textos, elementos para refletir junto aos moradores, alunos e profissionais da Escola, sobre as questões que, de alguma maneira, acabaram por influenciar a vida nos bairros.

Muitos moradores trabalharam como figurantes na novela, muitas crianças que assistiram à gravação das cenas e, sendo hoje adultos ou idosos, lembram sobretudo, do último capítulo da novela, quando as águas invadem a cidade fictícia Divineia.

Assim sendo, trabalhando com as histórias contadas por moradores que participaram como figurantes da novela “Fogo sobre terra”, nos foi possível ressaltar e apresentar algumas histórias, de como os habitantes locais, trançaram narrativas ricas em detalhes em suas narrativas.

As atitudes de alguns moradores ao falarem da novela, nos permitiu compreender conhecimentos tecidos pelos praticantes da Barra de Maricá/Divineia, que durante décadas, com elas, vão refazendo suas leituras de mundo (Freire, 1978).

Registrar as narrativas sobre a novela, junto à comunidade para discutirmos na Escola o direito que os moradores têm de conhecer e preservar e modificar, com suas bases culturais, as memórias de suas lutas e os contatos. A dignidade de viver e de serem quem são e quem desejam ser. Sejam eles moradores mais antigos (filhos e netos de pescadores) ou os mais jovens. Compreender os estudos sobre memórias como parte deste artigo.

Em uma das narrativas Nildea (moradora na atualidade) e que em 1974, visitando a Barra de Maricá, assistiu à cena da novela onde:

*Barbara (representada pela atriz Regina Duarte) é uma moça cega durante a novela. Barbara recebe um milagre das águas da lagoa da Barra. Quando ao lavar o rosto volta a enxergar e comemora tomando banho na lagoa. (Nildéia, 2007)*

A histórias da mocinha cega, que milagrosamente volta a enxergar com a água da lagoa, foi incorporada astutamente por alguns moradores, que viram na ficção um modo de ganhar um “*dinheirinho*”, a água da lagoa, continuou a ser vendida por moradores após o término da novela como um produto que realizava milagres. A cena da ficção se misturou realidade, e a história foi recontado por outros moradores.

Lembranças do beijo apaixonado de Bárbara (Regina Duarte) e seu amor Pedro Azulão (Juca de Oliveira) embaixo da árvore centenária, oiti, existente até hoje. Memórias que retomam elos e imagens pertencentes aos nossos estudos. Bosi, em seus estudos sobre memória, lembra que: o passado conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagem-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e devaneios. (1994.54)

Conhecer as histórias dos habitantes desta localidade é entender que passado, presente e futuro estão, misturados nas vozes e memórias que estão presentes nas ‘conversas’ de Barra de Maricá/Divineia. Como nos lembra Williams (1989) ao escrever:

conhecer os vestígios e aprender a interpretá-los só podia ser o começo da memória. Um prolongado esquecimento, dizia-se era a primeira condição da história; um descarte suficiente para que os detalhes essenciais pudessem ser lembrados. Naquelas montanhas, ocorrera de fato um prolongado esquecimento, mas de um tipo diferente. O que importava, em sua vida cotidiana, era a memória viva. Falar de história era mudar a dimensão. (p.23)

Os esquecimentos sobre os aprendizados cotidianos e as marcas deixadas na Barra de Maricá/Divineia são iniciados bem antes da gravação da novela no ano de 1973. Ao redescobrir a novela, trazendo algumas de suas as imagens, vestígios foram sendo apresentados por moradores e ex-alunos nas narrativas dentro e fora da Escola. Despertamos alguns ‘esquecimentos’ que nos levaram há períodos de grandes conflitos.

As memórias apresentadas nas narrativas demonstraram a transformação local, com as tantas lutas e mudanças que as famílias tiveram que fazer para manter e modificar suas casas e modos de viver, devido à expansão imobiliária ocorrida. Barra de Maricá um lugar cercado de muitas riquezas naturais, sendo sua geografia inicial uma ilha quando ainda não se tinha a Ponte do Boqueirão.

Nos escritos de Mello e Vogel (2004), fomos apresentados a esta localidade:

Barra de Maricá, um povoado a beira de outra lagoa. [...] em direção à restinga, [...] em primeiro plano, a Ponta da Preguiça e a Ponta do Fundão, com as falésias de barro vermelho e crista de vegetação casuarinas identificavam os

primeiros empreendimentos imobiliários para veranistas a beira mar. (p. 161-162).

Mas fomos, ainda, apresentados a Barra de Maricá por D. Alda, moradora hoje com 79 anos, ex-aluna da Escola e mãe da professora Vanderléa Soares, quando nos contou que as terras foram loteadas na década de cinquenta:

*os lotes foram vendidos nos anos de cinquenta e pouco. Foi quando ganhamos o terreno da Igreja, da Escola e os moradores saíram de suas casas para morarem aqui, neste lado. Minha sogra morava no Areal, do outro lado da lagoa (perto da Ponta do Fundão)) e também saiu de lá. A parte de baixo perto da igreja foi construída primeiro. A outra parte quando foram vender, era o governo de Brizola. Ele não permitiu, tornou tudo em área protegida e então não construíram nada. Imaginem hoje, muitos teriam comprado um terreno grande e hoje seria revendido, e construídas várias casinhas, como tem acontecido em Maricá. Aqui ia ficar muito cheio e um lugar feio. (Alda, Barra de Maricá, novembro de 2012)*

A narrativas acima, para Williams são “vestígios de mudanças. Se esses vestígios eram memórias, as diferenças de vida e de mudanças seriam igualmente marcantes”. (Williams, 1989, p.105). As memórias encontradas em Barra de Maricá podem apresentar muitos vestígios. Assim, ao fim do relato de D. Alda, encontramos no portão sua cunhada, chamada Julinha. Esta tia da professora Vanderléia, conta que nasceu no Areal e cresceu vendo a pesca e as coisas acontecerem. Na ocasião, ela nos disse:

*a casa grande em frente à Escola era o hotel de Frida, neste tempo tinham poucas casas. Ontem mesmo meu filho colocou na internet, umas partes da novela que foi gravada aqui. A gente queria ver o lugar daquela época. Como era. Mas a internet não aguentou. Estávamos lá na casa da mamãe, quando Dina Sfat, desce de helicóptero. A Escola fazia parte da gravação. O hotel hospedava os atores. Moravam na Barra de Maricá alguns turistas. Depois eu casei e vim morar nesta casa atual. (Julia, Barra de Maricá, novembro de 2012)*

Na Escola, utilizando os artefatos existentes, vivenciamos no laboratório de informática, a busca de cenas da novela “Fogo sobre terra”. Nesse espaço de uso comum de estudantes e professores, tivemos a experiência de ir buscar algumas cenas da novela pela internet.

Nesse processo, fomos abordados por dois estudantes do 9º ano que estavam em aula vaga e tinham ido jogar nos computadores. Eles quiseram saber o que estávamos fazendo e respondemos que procurávamos a novela que havia sido gravada em nossa localidade. A aluna contou que sua mãe já tinha contado sobre a novela, mas não conhecia nem seu título, nem a história que contava e muito menos que poderíamos descobrir cenas na internet. Ficamos durante o tempo que tínhamos juntos, vendo as cenas.

Naquele momento de ‘uso’ do computador, vendo as imagens da novela, não notamos que o turno da manhã havia terminado. Os estudantes continuavam buscando

outras imagens sobre a novela mesmo após o horário escolar. Marcamos um encontro à tarde no laboratório. Neste encontro já tínhamos a atenção de outros expectadores que foram sabendo da busca, no intervalo.

A curiosidade no início do turno da tarde, veio por parte da inspetora de alunos, que perguntava se era verdade que poderia ver as cenas da novela no computador. A inspetora havia encontrado com os dois alunos no caminho da Escola, que comunicaram que estariam retornando no horário da tarde. Contaram que era para saber mais sobre a novela ‘Fogo sobre terra’. A curiosidade crescia e ampliava o interesse de outras pessoas.

Ao final do turno da tarde, os jovens chegaram e retomamos as buscas. Chamamos a inspetora que ao ver as primeiras imagens, ficou emocionada e disse:

*- Esta casa que aparece, foi o hotel da novela.*

Contou que participou das gravações e que a Escola era usada como camarim dos artistas. A essa altura, outros já haviam ficado sabendo da história e também queriam ver as cenas.

Quando todos já haviam saído, continuamos no laboratório com a professora de informática Ana Maria Carrano, buscando ver se era possível ter acesso aos 209 capítulos gravados. A inspetora Escolar voltou e a chegada de um morador que jogaria futebol à noite na Escola, anunciou novas conversas. Vanda a inspetora, que conhece a comunidade convidou o morador para assistir às cenas. O rapaz observou que as imagens eram gravadas em preto e branco.

Viu a capela do bairro e disse: *Ela já existia?* Começaram a conversar sobre como era a capela e como foi ficando após restaurações e ampliações.

*- Quase não mudou nada. A frente é quase a mesma, não tinha ainda o coreto.* Disse a inspetora.

*- Mas agora também não tem,* contou o rapaz. *O coreto mais velho foi demolido no ano de 2008 para a construção de um salão paroquial.*

*-Colocaram grades em torno da capela ao construírem o salão paroquial. Quem era o padre da época? Seria padre Manoel?*

No desenvolvimento dessas ‘conversas’, encontramos imagens do passado, misturadas às imagens do presente. A Ficção e realidade narradas contaram que “a imagem é capaz de ser ‘fiel à vida’, e justamente porque a vida é ela mesma algo que necessita das ‘potências do falso’ para ganhar existência”. (Gonçalves; Head, 2009). A história da igreja e das festas referentes a N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição ou Oxum, foi narrada por Alda em uma outra conversa com os alunos do 4<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup> anos em 2014.



Em outro momento, alguns estudantes que estavam na Escola perguntaram se os capítulos da novela haviam sido recuperados, pois durante a aula de geografia, contaram na turma o que estava acontecendo e o professor, que tem habilidades tecnológicas, tentaria resgatar as cenas e quem sabe a novela toda. O fato era que agora além dos estudantes, da inspetora, do rapaz que joga futebol na Escola, havíamos ganhado em nosso time, o professor de geografia.

O laboratório de informática, tornou-se um lugar de encontros e pesquisas. Por várias vezes e em um desses dias, todos ficaram curiosos ao saberem que havia uma música, tema da novela, que falava sobre Divineia.

Cantamos algumas vezes a música, para aprender a letra que foi digitada pausadamente pela primeira estudante envolvida na pesquisa, com a ajuda do amigo. A letra era a seguinte:

Divineia.  
Ela vem como um dilúvio  
Já matou tanta bondade  
Cada porto igreja e praça  
Esse tempo foi parado  
Tudo o que lhe deu a seca  
Hoje morre afogado.

Divineia casa nova  
Sem tu Zé  
Pilão marcado  
Inundação chegando  
E o destino já traçado.

Conselheiro bem dizia  
Isso tudo vai mudar  
o mar vai virar sertão  
E o sertão vai virar mar  
Pra poder seguir vivendo  
Deixa o touro se afogar  
Divineia casa nova sem tu Zé  
Pilão Marcado  
Inundação chegando  
E o destino já traçado.

2-Google: Eustáquio Sena,1974.

Assim, tivemos presentes no currículo que os projetos pedagógicos permitiam, através das tantas narrativas que abordam a poesia, a música e as imagens, enredadas por conhecimentos, história e memórias. A partir dessas conversas no laboratório com os frutos que produziu, realizamos um trabalho proposto pela Secretaria de Educação com o tema “Festas Populares”.

No desenvolvimento dela, certo dia, descobrimos que a professora de artes havia construído, com os alunos do 6º ao 9º ano, a réplica da capela.

No dia da festa de culturas populares retomamos na Escola, as festas da local através de fotos e narrativas sobre as festas da Barra de Maricá/Divineia: São Pedro, Nª. Senhora da Conceição e Carnavais. No decorrer da festa, tínhamos como fundo musical, a música Divineia que foi gravada em CD pelos dois estudantes do 9º ano, conhecedores da mesma.

Após as festas e comemorações, convidamos os participantes da Escola ao desafio de gravarmos alguns capítulos da novela em DVD, para serem exibidos na praça. A praça, escolhida para a realização dos encontros de festas, seria também local de fortalecimento e resgate das memórias locais. Ouvimos então que seria quase impossível passar as cenas por conta de um incêndio nos arquivos da Rede Globo. A inspetora e moradora Rosimeri (Meri) falou ainda que soube que uma cópia da novela poderia ter sido feita para o México. Porém foram especulações. O temos hoje são pequenas partes encontradas na internet. Nesta pesquisa não desistimos de buscar algumas cenas da novela para passar na Escola e na praça para os moradores. Pois a própria inspetora, falou com certo pesar:

- Nós moradores da Barra não assistimos a novela na televisão neste tempo ninguém tinha tv. em casa, guardamos as imagens das gravações.

E assim, a inspetora inicia a narrativa de outras cenas. Deste modo, as ‘conversas’ que destacamos até aqui têm a ver com

memórias que são saberes de anos de presença, observação, estranhamento, encontros, conversas, cabelos brancos pintados pelo orvalho e vadiagens na sobra delas: mangueiras, Jaqueiras, salgueiros e tamarineiras. Outras árvores, neste tempo, são símbolos de retorno. Árvores sobre os quais várias gerações se encontram para tratar da memória, contando/cantando e vivendo suas histórias. (PEREIRA, 2009, p 179)

Desejamos assim, exercitar a *escuta sensível* proposta por Barbier, (2004) que nos faz conhecer na escola suas especificidades, ou seja, conhecer um lugar que é composta em seus vários contextos. A *escuta sensível* desses elementos vai para além do ouvir, e como Barbier (2004) nos conta que.

trata-se de um escutar/ver [...] apoia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para ‘compreender do interior’ as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos (ou a ‘existencialidade’ interna, na minha linguagem). A escuta sensível reconhece a aceitação incondicional do outro. (p.94.)

As saídas podemos encontrar nas invenções cotidianas, para que as diversas culturas possam ser reconhecidas como legítimas e constituídas por táticas que são ações produzidas no campo dos adversários. Práticas sociais inventadas e reinventadas, são ricas de saídas, que para Certeau (1995) são vistas como táticas, sendo os movimentos

contra a violência apresentada pelos regimes autoritários, que deixados de lado por homens e mulheres de sociedades e grupos.

Deste modo, a pesquisa adquire novos ares e caminhos, o pesquisador vivencia o cotidiano e necessita agir de forma diferenciada quando se encontra nas cenas de lutas cotidianas. As histórias desse lugar levaram ao desenvolvimento de ações educacionais que envolveram as histórias de professoras/moradoras da Barra que lecionam na Escola nas últimas duas décadas. Um grupo delas é representado por filhas e netas de pescadores que estudaram na Escola. Algumas saíram de Maricá, fizeram a graduação, um concurso e retornaram, para lecionarem na Escola de seus pais e avós. Incorporamos, então, suas narrativas das trajetórias pessoais que fizeram e seus modos únicos de estarem, por décadas, tecendo conhecimentos de seus antepassados e as significações que deram à história da região.

Neste grupo de professora podemos apresentara as professoras que constituem nossa pesquisa e suas formações em graduação e pós-graduação. Nascidas na barra Vanderléia é bióloga e especialista em biologia marinha, Mariília formada em pedagogia, Hilma em matemática, e Waldirene em educação física. A professora Waldirene saiu da Escola há um ano e trabalha em uma escola próxima ao bairro. As histórias dessas professoras se atravessam quando conversam assuntos que tratam da infância, adolescência e na atualidade.

Na Escola falávamos sobre o Bairro e como os novos moradores e visitantes cuidavam da Barra de Marica/Divineia, o grupo achava importante investir em ações que apresentassem o lugarejo. Vanderléia que chegou ao grupo e ouvindo disse:

- Só sabe o que aqui quem, nasceu e cresceu aqui!

- Não adianta chegar aqui e pensar que sabe de tudo que o acontece. Não sei se trabalhar assim muda alguma coisa.

Essa fala me apresentou várias reflexões, me levando a produção de um texto para um congresso com título que foi: Só sabe o que aqui quem nasceu e cresceu aqui! O resumo e o texto foi escrito e discutido no coletivo de professoras.

Ao discutirmos no coletivo o resumo do trabalho, uma professora Sandra Gomes do 5º ano levanta a mão e fala:

- Não concordo, pois, trabalho nesta Escola há vinte e cinco anos e também conheço o bairro.

Vanderléa reage dizendo:

- Vocês só sabem porque a gente conta!

Nesta hora, Vanderléa recebe o apoio de Marília que é a mais nova professora da Escola.

Buscamos assim, com a retomada das histórias que constituem a pesquisa, partimos da novela para outros contos. Necessitamos aqui trazer os movimentos de conversas em visitas de campo, são apresentadas por, Mello e Vogel (2004) como elementos fundamentais, para nossa etnografia. Assim, “[...]essas conversações tiveram o mesmo caráter pedagógico. Todos os tópicos de algum modo relevantes para o assunto foram, progressivamente, objeto de exposições prolongadas” (p.30)

A conversa na cozinha da escola da dissertação de Aquino (2004), foram também desdobrados e produziram elementos ricos para todo o texto da pesquisa,

as mulheres/cozinheiras, ao conversarem, traziam questões que se desdobravam em outras e mais outras. Acho mesmo que é assim que as conversas cotidianas acontecem, com um início, outro início, outro início, com alguns meios e outros fins que parecem não terminar.

Deparava-me, algumas vezes, nessas conversas, com professoras, diretora, coordenadora geral, auxiliar de serviços gerais, em diálogo com as cozinheiras, que, algumas vezes, traziam soluções e planejamentos de cardápios e atividades que necessitariam da participação de todos. A essas conversas chamo de "reuniões da cozinha/refeitório", que solucionavam problemas como: um cardápio que atraísse o gosto das crianças, que nutrisse as carências alimentares dos/as meninos/as que se encontravam com suspeitas de desnutrição, um cardápio que aproveitasse totalmente os alimentos, sem que houvesse desperdício, pois seria mais uma forma de fazer render a quantidade da merenda, que nem sempre era suficiente para todos os dias do mês". (AQUINO, 2004)

As metodologias, tomam contorno nesta pesquisa, quando saímos para as ruas, narrando à Escola, o lugarejo da Barra de Maricá/Divinéia, os encontros, acontecimentos, ou seja, percursos e detalhes fazem a diferença ao serem registradas Conversas que continuam com o desligar de filmadoras e gravadores. Conversas existentes no intervalo para o café, momento em que muitas vezes os conflitos aparecem.

Ter os sentidos atentos, assim como uma escuta sensível (Barbier,2004) às conversas de crianças e adultos, nos levou a puxar fios das histórias de festas, trabalho e brincadeiras. Nestas histórias, encontramos para análise, as histórias orais, novelas, fotografias, revistas e livros que nos oferecem os elementos necessários para a escrita da tese. A escuta da descrição do trabalho dos adultos como, pescar, cuidar da pesca, vender o pescado, fazer redes entre outras ações, se misturam as brincadeiras infantis e artes, onde as redes educativas impregnam cada ação. Recuperamos o que aconteceu no passado. Assim, vamos criando possibilidades para que os pertencentes da Escola e do bairros, façam outras descobertas e se dediquem a uma das artes cotidianas desta sua história:

a educação dos sentidos [...] é importante no preparo do futuro pescador. Este precisa seguramente de todo eles. A audição identificará o ruído dos cardumes (*o urro*), a batida dos remos. [...] O tato lhe dirá outras tantas coisas, além de ajuda-lo a lidar com o seu instrumento [...]. Graças ao olfato terá, na lagoa, informações relevantes para determinar o comportamento do tempo bem como o estado das águas, em diferentes lugares. O olhar, é, no entanto, para ele, como para o caçador e o coletor [...] não só precisa reconhecer, mas descobrir, isto é aprender, de relance o aparecimento da presa. (MELLO; VOGEL, 2004, p. 308,309)

As conversas após todos esses anos continuam a acontecer, e assim, no ano de 2017, em uma visita a Alda, já com um pouco mais de idade e com sua memória intacta, conversamos sobre a crise da água de nossos bairros. Alda, falou de como os moradores viviam nas décadas passadas, ou seja, existiam poços.

Descrevendo um poço feito no areal. Os poços eram nomeados pelas famílias, citou alguns nomes Japara, Restinga, Barronca e outros. Na conversa com Alda, sobre recolhimento da água, não foi nada parecido com o que eu tinha aprendido em minha infância. A moradora falou que para pegar a água era preciso descer a areia, retirar o caixote e com a “caçamba” retirar a primeira água que seria jogada fora devido a contaminação de animais, e em seguida, encher os baldes com a água limpa.

Para entender um pouco sobre o poço no areal, fiz um desenho com Alda, que mais se aproximasse da história e ainda ouvi atentamente, Alda contando de como, uma outra moradora pegava água e se protegia do ex-marido que a perseguia contando uma música que dizia: “*Cumbuca que leva pimenta nunca perde o ardor*”. A moradora Alda, contou sua história como se houvesse acontecido recentemente.

A aula sobre os poços trouxe elementos para a continuidade da pesquisa e dos patrimônios dos bairros. Sendo eles neste momento os poços de restinga. Assim, Maricá, portanto, é uma cidade rica em recursos hídricos naturais, que deveriam ser revisitados pelas autoridades existentes, quanto a exploração inadequada de empreendimentos e propriedades particulares. Afinal, a água é um recurso natural e coletivo, direito essencial do homem. Assim, investimentos em políticas públicas, voltadas para a solução dos problemas expostos foram apontadas ao final do artigo e podem ser conversados e considerados em novos documentos e práticas da Cidade de Maricá. Nosso artigo, propõe pesquisas posteriores, sobre os impactos ambientais das obras em áreas do Sistema Lagunar (aterros nas lagunas, modificando o lugar natural de várias espécies) e como os recursos hídricos estão prejudicados pelas mudanças humanas nos ecossistemas.

Referências bibliográficas:

AQUINO, Verônica Gomes. Práticas potencializadoras na escola pública: aguçando os sentidos e refletindo mais uma vez as práticas cotidianas escolares. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação – Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2004.

ALVES, Neila Guimarães: Educação ambiental modos de ver, pensar e fazer o mundo. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UERJ), 2008.

BARBIER, Rene. A escuta sensível em educação. ANPED, 13ª Reunião Anual. Caxambu, 15 a 19 de outubro, 1992.

\_\_\_\_\_. Pesquisa-ação na instituição educativa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, nº 19.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 11ª ed., 2004.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. A Cultura no Plural. Campinas- S.P, Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. A invenção do cotidiano – morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Perspectiva. Florianópolis, v.22, nº.01, p127-144, jan/jun.2004.

FURTADO, Maria Luisete de Almeida. Reciclagem na Escola: das ideias à prática. Monografia- Rio de Janeiro, UNPLI, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. Por uma pedagogia da pergunta. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1985.

MELLO, Marco Antonio da Silva & VOGEL, Arno. Gente das areias: história, meio ambiente e sociedade no litoral brasileiro - Maricá, RJ - 1975 a 1995. Niterói- RJ: Eduff, 2004.

WILLIAMS, Raymond. O povo da Montanha Negra. São Paulo: Companhia das letras, 1991.